

# Candangolândia beneficiará 11 mil invasores

Mas, como quase sempre acontece nesses casos, muitos se negam a deixar a favela



O Projeto Candangolândia segue uma das prioridades do GDF em oferecer melhor moradia aos mais carentes



O Núcleo Bandeirante e adjacências foi o berço da construção da Capital. Por isso, muitos não querem sair

Onze mil pessoas, incluindo desde os pioneiros na construção de Brasília — os verdadeiros candangos — até a flutuante população das mais recentes "invasões", serão beneficiadas pelo projeto urbanístico de Vila Candangolândia, uma das mais caras promessas do Governo do Distrito Federal.

Aprovado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo, o projeto começa a entrar em fase executiva e os principais interessados — os habitantes dos mais variados núcleos residenciais provisórios que as satélites acumularam ao longo de sua história, estão divididos: muita gente não quer ir para Candangolândia.

Eustáquio dos Santos, Administrador do Núcleo Bandeirante, satélite onde se localiza a Vila Candangolândia, relata o histórico do projeto, que começa com o problema dos moradores de antigos acampamentos da Novacap e veio pouco a pouco agregando toda a população que "sobrou" do Plano de Urbanização do Núcleo Bandeirante.

Os setores habitacionais provisórios, visados pelo Projeto Vila Candangolândia, têm hoje uma clientela de 40% do pessoal pioneiro. O restante migrou paulatinamente para o Distrito Federal, e só agora deverá ter acesso à moradia definitiva.

Na realidade, estas onze mil pessoas estão disseminadas desordenadamente em torno do Núcleo Bandeirante, sendo que a maior parte desses pequenos agrupamentos ocupa 70% da área do Zoológico e a política de remanejamento populacional do GDF prevê a devolução imediata das áreas desocupadas à administração do Zoo.

Acontece que é justamente ali que se encontram os últimos remanescentes da Velhacap, "a mãe de Brasília, no dizer de Dona Lia Costa, residente no ex-acampamento há vinte e cinco anos.

Dona Lia é uma personagem histórica da Velhacap, amiga de Juscelino Kubitschek "desde os tempos de Minas". Ela pretende que a casa em que mora, na Av. dos Engenheiros, seja preservada, "e ela fique lá, contando as histórias", segundo uma garota vizinha, nascida no antigo acampamento.

"Testemunhei coisas incríveis, diz dona Lia, se fosse falar, ficaríamos aqui a tarde toda". A sua opinião é que, pelo menos a casa em que reside, deveria permanecer tal e qual, "pois não vai ficar nada de histórico, dos tempos da construção; se demolirem tudo, não vai ter nenhuma referência para o futuro".

Dona Lia é uma das líderes da

Associação dos Moradores da Candangolândia e foi convidada, assim como o restante dos beneficiários, a assistir à apresentação do Projeto. "É lindo, diz ela, bem estruturado, bem elaborado, só que os lotes são muito pequenos".

Eustáquio dos Santos afirma que agora esta população excedente, alojada em condições precárias, vai beneficiar-se de água potável e corrente, energia, arreamento disciplinado, escolas, segurança, transporte, enfim, condições mínimas exigidas para o assentamento definitivo de núcleos residenciais.

Este empreendimento viria solucionar uma situação crucial: apenas 38% das famílias residentes nos setores provisórios, ocupam um barraco por família. Os 68% restantes se alojam à razão de mais de uma família por unidade habitacional, por diversos motivos, indo desde a solidariedade entre parentes e amigos até a falta pura e simples de oferta de moradia, obrigando pessoas a sublocarem barracos, muitas vezes insuficientes para abrigar sequer uma família.

Uma família residente numa das áreas consideradas dramáticas, pela administração, a Chacara "Zê Mineiro", se pudesse, permaneceria lá. "E faria os melhoramentos necessários" num terreno de alagados. O patriarca, que vive ali há dezesseis anos, conta que quando chegou "a gente pisava aqui e tremia longe". O terreno foi pouco a pouco sendo drenado, mas quando chove, inunda tudo e as águas de esgotos e fossa misturam-se à do poço de água supostamente potável. Mesmo assim, a família preferiria ficar. São agricultores e cultivam hortaliças e café, vivem do que plantam e vendem tudo ali mesmo, na estrada e nas feiras do Guará e do Núcleo Bandeirante. João Feliciano, o chefe do clã, teme a distância da casa pro trabalho, caso seja obrigado a ir morar na Candangolândia: "com a gasolina pelo preço que está..."

A pesquisa feita entre os onze mil beneficiários, indicou que 70% preferem receber o lote com água e luz e consumir sua própria casa. Segundo declaração do administrador do Núcleo Bandeirante, o GDF vai procurar viabilizar a entrega dos 30% restantes de residências aos que preferiram receber a casa.

Dados da Secretaria de Serviços Sociais estima que a quase totalidade da população visada pelo projeto tem renda superior a dois salários mínimos "e os preços dos lotes e casas serão de tal ordem, conclui Eustáquio dos Santos, que mesmo as famílias com renda de um salário mínimo, vão poder comprar".